

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS RURAIS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Mariana Gaida Viero

SUSTENTABILIDADE NO MEIO RURAL: UM ESTUDO COM
AGRICULTORES ORGÂNICOS

Santa Maria, RS

2019

Mariana Gaida Viero

**SUSTENTABILIDADE NO MEIO RURAL: UM ESTUDO COM AGRICULTORES
ORGÂNICOS**

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Educação Ambiental, Área de Ciências Rurais, da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Educação Ambiental.**

Orientador.: Prof. Adriano Cancelier

Santa Maria, RS

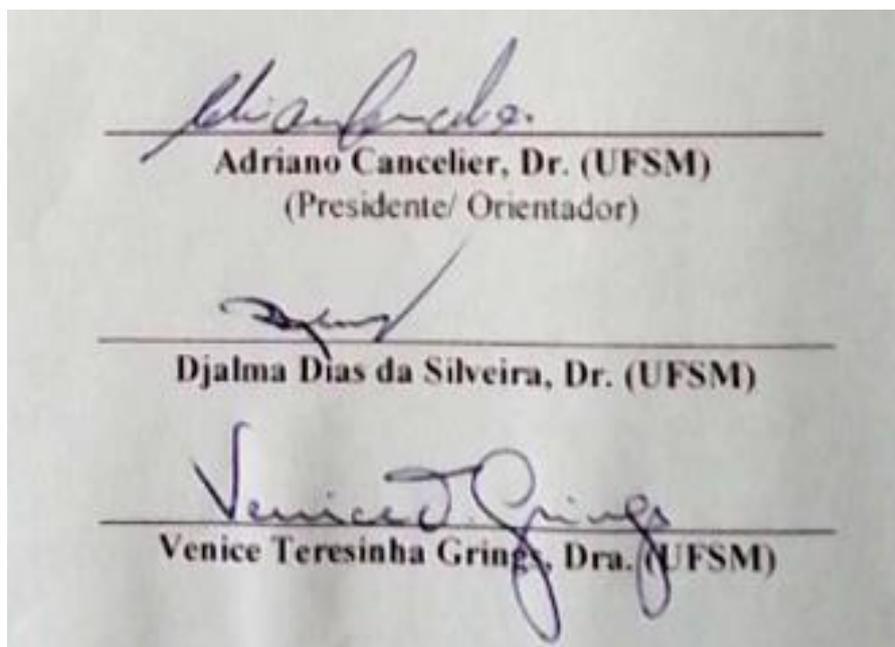
2019

Mariana Gaida Viero

**SUSTENTABILIDADE NO MEIO RURAL: UM ESTUDO COM AGRICULTORES
ORGÂNICOS**

Monografia apresentada ao curso de Especialização em Educação Ambiental, Área de Ciências Rurais, da Universidade Federal de Santa Maria, como requisito parcial para obtenção do título de **Especialista em Educação Ambiental.**

Aprovado em 15 de agosto de 2019:



Santa Maria, RS
2019

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu querido companheiro, por toda ajuda e compreensão nos momentos mais necessários.

AGRADECIMENTOS

Aos meus familiares e amigos pelos momentos de apoio e descontração.

A Universidade Federal de Santa Maria, pelo ensino gratuito e de qualidade.

Aos professores e colegas do curso de Educação Ambiental.

Ao meu orientador e a banca, por todas as contribuições.

“ O homem é parte da natureza e sua guerra contra a natureza é inevitavelmente uma guerra contra si mesmo...”

Temos pela frente um desafio como nunca a humanidade teve, de provar nossa maturidade e nosso domínio, não da natureza, mas de nós mesmos. ”

(Rachel Carson)

RESUMO

SUSTENTABILIDADE NO MEIO RURAL: UM ESTUDO COM AGRICULTORES ORGÂNICOS

AUTORA: Mariana Gaida Viero

ORIENTADOR: Adriano Cancelier

A degradação da natureza é uma realidade que traz consequências sentidas no mundo todo e o agravamento desta situação se dá pela busca cega da lucratividade, aliado à falta de ações que objetivem um maior respeito com o meio ambiente e a saúde. Nesse contexto, a agroecologia vem contribuir com a proposta de cuidado com o planeta. Partindo destas reflexões, o presente estudo tem como objetivo analisar a percepção de agricultores orgânicos quanto aos possíveis benefícios desta prática para a saúde e o meio ambiente. Para isso foram realizadas entrevistas com os agricultores participantes da Feira Ana Primavesi. A partir da análise das entrevistas surgiram três categorias: Agricultura convencional X Agricultura orgânica, Interação social e fortalecimento político e Agricultura orgânica: dificuldades e benefícios. Com base neste estudo foi possível notar que estes agricultores estão conscientes de seu papel político e social, ou seja, percebe-se o empoderamento dos mesmos diante de suas práticas.

Palavras-chave: Sustentabilidade; Agricultura Orgânica; Meio Ambiente; Saúde.

ABSTRACT

SUSTAINABILITY IN THE RURAL ENVIRONMENT: A STUDY WITH ORGANIC FARMERS

AUTHOR: Mariana Gaida Viero

ADVISOR: Adriano Cancelier

The degradation of nature is a reality that has consequences felt worldwide and the aggravation of this situation is due to the blind pursuit of profitability, coupled with the lack of actions aimed at greater respect for the environment and health. In this context, agroecology contributes to the proposal of care for the planet. Based on these reflections, the present study aims to analyze the perception of organic farmers regarding the possible health and environmental benefits of this practice. For this, interviews were conducted with farmers participating in the Ana Primavesi Fair. From the analysis of the interviews three categories emerged: Conventional Agriculture vs. Organic Agriculture, Social Interaction and Political Strengthening, and Organic Agriculture: Difficulties and Benefits. Based on this study it was possible to notice that these farmers are aware of their political and social role, that is, their empowerment in their practices.

Keywords: Sustainability; Organic Agriculture; Environment; Cheers.

SUMÁRIO:

1 INTRODUÇÃO	9
1.1 OBJETIVOS	10
1.1.1 OBJETIVO GERAL.....	10
1.1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	10
2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA	11
3 METODOLOGIA	15
4 RESULTADOS E DISCUSSÃO	16
4.1 AGRICULTURA CONVENCIONAL X AGRICULTURA ORGÂNICA	17
4.2 INTERAÇÃO SOCIAL E FORTALECIMENTO POLÍTICO	19
4.3 AGRICULTURA ORGÂNICA: DIFICULDADES E BENEFÍCIOS	21
5 CONCLUSÃO	27
REFERÊNCIAS	28
APÊNDICE 1	31

1 INTRODUÇÃO

A degradação da natureza é uma realidade que traz consequências sentidas no mundo todo e o agravamento desta situação se dá pela busca cega da lucratividade, aliado à falta de ações que objetivem um maior respeito com o meio ambiente e a saúde. Sendo assim, a valorização de alternativas que visem a mudança de tal quadro é fundamental. É somente através da preservação dos recursos naturais que será possível um futuro mais sustentável e mais saudável para as futuras gerações. Como afirmam Mazzoleni e Nogueira (2006) é necessário conscientizar as gerações atuais quanto ao cuidado com o meio ambiente, para que haja a possibilidade das gerações futuras satisfazerem suas necessidades.

Agir de maneira mais sustentável é um caminho para a redução dos impactos ambientais, para isso são necessários estudos, planejamentos e ações, que englobem os aspectos econômicos, sociais e ambientais, levando em conta cada cultura. Proposta esta bastante distante, quando percebemos o alto nível de desgaste dos recursos naturais gerados pela agricultura química. No entanto, os autores acima citados encontram na agricultura orgânica uma alternativa para a sobrevivência harmônica do ser humano com o seu planeta. Uma possibilidade para que se coloque isso em prática são as feiras agroecológicas, que surgem como espaços políticos e de socialização, estendendo os benefícios de suas práticas para além das feiras e subsidiando a renda das famílias envolvidas neste tipo de atividade. Um exemplo disso é a “Feira Ana Primavesi”, projeto criado em conjunto com a Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, que visa a comercialização de produtos orgânicos, priorizando a alimentação saudável como compromisso de todos os envolvidos. É a feira pioneira em alimentos exclusivamente orgânicos de Santa Maria, que reúne agricultores certificados em processos reconhecidos pelo Ministério da Agricultura.

Sendo assim, tal certificação além de valorizar estes agricultores e seus produtos, os coloca em uma posição de responsabilidade na aplicação da técnica de cultivo orgânico. Técnica esta que possui características próprias, algumas das quais são descritas por Roel (2002, p. 59):

As técnicas utilizadas em agricultura orgânica buscam mobilizar harmoniosamente todos os recursos disponíveis na unidade de produção, com base na reciclagem de nutrientes e maximização do uso de insumos orgânicos gerados *in loco*. Busca-se também reduzir o impacto ambiental e a poluição; evitar a mecanização pesada; utilizar, quando necessário, tratores leves, aração superficial ou plantio direto que aumentem a produtividade; minimizar a dependência externa das matérias primas; otimizar o balanço energético da produção; produzir alimentos baratos e de alta qualidade biológica; suprir necessidades nacionais internas e gerar excedentes exportáveis.

Nesse contexto a agroecologia vem contribuir com a proposta de cuidado com o planeta, atentando para a complexidade de tais intervenções. Dos Santos *et al.* (2014) entendem a agroecologia como uma alternativa que une no espaço rural, agricultura familiar e sustentabilidade. No entanto, é preciso admitir as complexidades existentes na transição de um modelo para outro, observando sua composição social, ações cotidianas e relações sociais e econômicas, que vão além do espaço rural.

Desta forma, o presente estudo tem como objetivo analisar a percepção de agricultores orgânicos quanto aos possíveis benefícios desta prática para a saúde e o meio ambiente, bem como as dificuldades inerentes a esta cultura.

1.1 OBJETIVOS

1.1.1 Objetivo geral

Analisar a percepção de agricultores orgânicos quanto aos possíveis benefícios da prática orgânica para a saúde e o meio ambiente, bem como as dificuldades inerentes a esta cultura.

1.1.2 Objetivos específicos

- Investigar a forma como entendem suas práticas, com relação ao cuidado com o meio ambiente e suas repercussões na saúde;
- Identificar as dificuldades e complexidades existentes na prática do cultivo orgânico.

2 REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

A maneira como o alimento é produzido interfere diretamente em nossa saúde e no meio ambiente. Entende-se com isso que, discutir hábitos alimentares mais saudáveis vai além das questões nutricionais, e de dietas vistas como saudáveis. Assim, torna-se fundamental que possamos entender também os processos envolvidos já na produção dos alimentos, ou seja, em sua origem. Levando-se em conta tanto o produtor e o consumidor, como o meio ambiente, trazendo à tona um debate imprescindível para a sociedade atual. Neste sentido, Santos (2018, p.5) afirma que “num cenário de ameaça à soberania alimentar e nutricional em escala internacional, faz-se imprescindível o debate público sobre os diferentes modelos produtivos e sua vinculação a projetos societários”.

Partido deste ponto, é imprescindível abordar a diferenciação entre produção orgânica e produção convencional. Segundo Morais (2014) o termo orgânico é usado para designar a forma como os produtos agrícolas são cultivados e processados, como frutas, verduras, cereais, laticínios e carnes. Sendo assim, tal técnica visa a conservação do solo e da água, diminuindo também a poluição. A produção do mesmo é feita sem a utilização de agrotóxicos ou fertilizantes químicos. Dessa forma, o preparo do solo visa o equilíbrio do ecossistema. Já a produção de alimentos convencionais utiliza métodos comuns tanto para a fertilização como para o controle de pragas e prevenção de doenças. Para um maior entendimento desta diferenciação a autora traz um comparativo entre as características dos produtos orgânicos e convencionais, conforme Quadro 1.

Quadro 1 - Comparativo entre as características dos produtos orgânicos e convencionais.

PRODUTOS CONVENCIONAIS	PRODUTOS ORGÂNICOS
Utilizam fertilizantes químicos para promover o crescimento das plantas	Utilizam fertilizantes naturais, como o adubo, para enriquecer o solo e promover o crescimento das plantas
Utilizam inseticidas para reduzir pestes e doenças	Utilizam insetos e pássaros, ou armadilhas, promovendo uma redução na incidência de pestes e doenças
Utilizam herbicidas químicos para controlar ervas-daninhas	Fazem rodízio de plantações ou utilizam limpeza manual para o controle das ervas-daninhas
Administram antibióticos, hormônios de crescimento e medicamentos aos animais para evitar doenças e promover o crescimento	Oferecem alimentos orgânicos e acesso a áreas livres para os animais. Empregam medidas preventivas – como pasto rotativo, dieta balanceada e higiene – para ajudara minimizar a incidência de doenças

Fonte: Morais (2014).

Além das diferenças citadas no Quadro 1, pode-se encontrar estudos que deixam clara a diferença nutricional existente entre as duas formas de produção. Conforme estudo realizado por Smith (1993), no decorrer de dois anos em Chicago, Estados Unidos, fica evidente a diferença nutricional existente entre o alimento orgânico e o convencional, conforme pode ser observado na Tabela 1. As amostras analisadas continham os seguintes alimentos: maçã, batata, pêra, trigo e milho. Sendo comprovado que o alimento orgânico possui uma diferença considerável nos níveis de alguns minerais essenciais.

Tabela 1 - Diferença nutricional existente entre o alimento orgânico e o convencional.

MINERAL	% SUPERIOR DO ALIMENTO ORGÂNICO
Cálcio	65
Ferro	73
Magnésio	118
Molibdênio	178
Fósforo	91
Potássio	125
Zinco	60
Mercúrio	Menos 29

Obs: Foram realizados de 4 a 15 amostras para cada grupo de alimento.

Fonte: Smith (1993)

Pensando nisso, indo mais fundo na compreensão da origem dos nossos alimentos podemos entender e questionar as consequências das formas de produção, tanto para nossa saúde como para o meio ambiente. Segundo Gliessman (2000), ao visar a alta produtividade no presente, a agricultura convencional tende a comprometer a produtividade futura. Condizente com isso, Zimmer, Albani e Mota (2018) ressaltam a necessidade da promoção de estilos alternativos, que visem romper com o convencional “padrão moderno” e cultural para um modelo de agricultura sustentável, desafiando assim, em busca de mudanças, não somente o fator produtivo, como também a relação do ser humano com a natureza. Sendo assim, para Paulus e Schlindwein (2001), a agricultura não é uma atividade essencialmente econômica, pois é acima de tudo uma atividade cultural. Indo além dos processos naturais a agricultura traz consigo processos socioculturais, ou seja, é uma construção humana, sendo influenciada diretamente pela carga cultural dos indivíduos envolvidos neste processo.

Neste viés, pode-se entender a produção rural como um lugar de respeito aos seres humanos e à natureza que estão para além da técnica que será utilizada. Santos (2018) entende que a agroecologia engloba outras dimensões que estão para além da técnica, que trazem

consigo o modo de produção e de vida que une os saberes tradicionais e o conhecimento científico adquirido, com a intenção de diminuir o esforço do trabalho humano neste processo e não para aumentar o lucro dos que dominam os mercados. Sendo assim, é importante reconhecer as dimensões econômica, social, política, ambiental, cultural e ética da agroecologia, dando valor aos saberes e práticas tradicionais, proporcionando uma sociabilidade verdadeiramente emancipada. Somente assim se torna possível a superação de visões tecnicistas que tendem a dominar a produção orgânica.

Diante de todos os aspectos abordados até aqui sobre a agricultura orgânica torna-se relevante um aprofundamento maior quanto a questão da sustentabilidade. Dessa forma, para Westphal e Ziglio (1999), o termo sustentabilidade carrega dois significados, pois além de trazer o princípio do desenvolvimento sustentável, envolve também os aspectos econômicos, sociais, políticos, culturais e ambientais. Condizente com isso, Costa (2010) afirma que o termo “desenvolvimento sustentável” surge ligado às questões ambientais, mas que atualmente vincula-se também com as áreas econômica e social. Sendo assim, quando pensamos em sustentabilidade ambiental não podemos deixar de lado também a sustentabilidade econômica dos agricultores envolvidos neste tipo de prática, sustentabilidade esta necessária até mesmo para a manutenção destas famílias no campo. Pois, conforme o autor, ao permanecerem nos meios rurais os agricultores desempenham um papel fundamental para a proteção e preservação da natureza. Nesse sentido, Souza, Cajú e Oliveira (2016, p.107), acreditam que:

São muitas as vantagens da agricultura orgânica, entre elas estão a proteção dos recursos hídricos e mananciais, conservação dos solos, fauna e flora, como também a possibilidade da garantias de ganhos, com a diversificação das culturas consorciadas, ajudando ainda os pequenos agricultores familiares que têm na terra a sua única forma de sustento, mantendo o solo fértil por muitos anos, o cultivo orgânico prende o homem a terra evitando o êxodo rural, onde irá produzir alimentos isentos de contaminantes químicos (segurança para consumidores e trabalhadores rurais, utilizando a mão de obra ociosa).

Ainda pensando no retorno financeiro para estes trabalhadores Martins *et al.* (2012), entendem que são necessários alguns investimentos que contribuam para isso, como investimento em capacitação tanto para a comunidade como para os pequenos agricultores. Bem como o investimento em divulgação, tornando as feiras mais competitivas diante do mercado. Para isso, Araujo *et al.* (2018) ressaltam a importância de projetos que objetivem a criação e a manutenção de feiras orgânicas, trazendo autonomia aos agricultores como

estratégia econômica, estimulando e atendendo a demanda crescente por alimentos saudáveis e livres de agrotóxicos.

Assim vê-se a possibilidade de uma forma de cultivo que leva em conta diversos fatores, entre eles os econômicos e sociais. Dessa forma, Almeida (2017) entende que a agricultura orgânica, baseada na agroecologia, objetiva entender a dinâmica do agroecossistema, buscando sua preservação e ampliando a biodiversidade. Trazendo consigo um sistema sustentável, que respeita o meio ambiente além de ser viável economicamente e socialmente justo. Além disso, como afirmam Souza, Cajú e Oliveira (2016), a agricultura sustentável está para além do entendimento de que desenvolvimento agrícola está ligado somente ao aumento da produtividade. Pois tem como objetivo principal manter a produtividade, visando impactos ambientais mínimos, gerando retornos financeiros adequados, que venham a suprir as necessidades sociais e econômicas dos trabalhadores do campo.

Rosa *et al.* (2018) constata que a produção orgânica mantém os aspectos da agricultura familiar¹, o que reforça a importância de haverem políticas públicas voltadas aos interesses destes agricultores. Trazendo benefícios para a produção, diminuindo os riscos externos, como climáticos e de comercialização. Assim, “percebe-se que é uma atividade que necessita de muitos investimentos, tanto no suporte econômico para investimento como no suporte de assistência técnica e de comercialização” (p. 83). Os referidos autores afirmam ainda que, quando se trata de políticas públicas e incentivo à produção de orgânicos, fica evidente a falta de investimento tanto financeiro quanto político por parte dos órgãos públicos. Assim, a entrada para o sistema de agricultura orgânica fica dependente da vontade de cada agricultor na busca por informações, que possibilitem as suas atividades.

¹ Kurten e Ternoski (2016, p.3) entendem que a agricultura familiar, “se caracteriza pela mão de obra essencialmente proveniente do núcleo familiar, bem como a família trabalhando para a sua subsistência”

3 METODOLOGIA

A metodologia consiste em um estudo de caso realizado na Feira Ana Primavesi na cidade de Santa Maria – RS, onde procurou-se abordar principalmente aspectos qualitativos. De acordo com Yin (2001, p.32) “um estudo de caso é uma investigação empírica que investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos”.

A pesquisa foi realizada no período de março a julho de 2019 com agricultores (as) que participam da Feira Ana Primavesi na cidade de Santa Maria, Rio Grande do Sul. Foram entrevistadas pessoas com 18 anos de idade ou mais, de ambos os sexos, que participam da feira e que aceitaram participar do estudo mediante esclarecimento prévio e assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Esta população foi escolhida pelo fato de estar diretamente envolvida com o cultivo e a produção dos produtos orgânicos. Sendo este um fator importante para a pesquisa, pois demonstra a forma como percebem suas práticas agroecológicas, além de possibilitar o entendimento de suas percepções quanto às questões socioambientais e as dificuldades encontradas em seu cotidiano. Por se tratar de uma população heterogênea (variadas idades, renda, escolaridade, etc.) possibilitou o surgimento de diferentes realidades, acarretando assim uma visão mais ampla para o estudo, na busca de compreender a complexidade existente neste meio. Os participantes foram convidados para a pesquisa de acordo com sua disponibilidade, nos dias e horários de funcionamento da Feira Orgânica.

A coleta dos dados foi realizada por meio de entrevista aplicada pela pesquisadora, baseando-se em um questionário estruturado com questões abertas e fechadas, que se encontra no Apêndice 1. As questões foram lidas pela pesquisadora, que fazia anotações das falas dos entrevistados. Sendo assim, o questionário contempla questões que tiveram como objetivo abordar o convívio social na feira, os benefícios da agricultura orgânica para a saúde e para o meio ambiente, e o esclarecimento dos agricultores quanto a prática do cultivo orgânico, bem como suas dificuldades.

Posteriormente, os dados foram analisados de duas maneiras: com relação a parte quantitativa, as respostas foram apresentadas em forma de porcentagem. Já na parte qualitativa, foram analisados os discursos. Para a discussão do trabalho os resultados foram divididos em categorias.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Em 2014 um grupo de produtores orgânicos, juntamente com técnicos da Emater, estabeleceram uma parceria com a UFSM para a formação de um grupo multidisciplinar, formado pelos agricultores, técnicos da Emater, professores, técnicos administrativos e estudantes da UFSM. Diante desta parceria, a inauguração da feira se concretizou em setembro de 2017, reunindo agricultores certificados por meio de OCS (Organização de Controle Social) e outros já certificados por organismos de avaliação autorizados pelo MAPA (Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento). A feira Ana Primavesi é a primeira feira onde são comercializados exclusivamente produtos orgânicos em Santa Maria. A feira recebeu este nome em homenagem à professora pioneira nos estudos em agroecologia na UFSM e ocorre todas as quartas-feiras, às 10 h, embaixo da Ponte Seca da UFSM. Os principais produtos que os feirantes colocam à disposição para os consumidores são listados no Quadro 2, porém a produção dos agricultores é baseada nos produtos da época (uma característica da agricultura orgânica), por isso seus produtos podem variar bastante conforme o período do ano.

Quadro 2 - Principais produtos comercializados pelos agricultores no mês de junho.

Bergamota	Couve	Beterraba	Alface	Hortelã	Arroz	Geléias
Laranja	Brócolis	Abobrinha	Rúcula	Manjerona	Mandioca	Mel
Moranginho	Repolho	Espinafre	Radiche	T. verde	Suco	Molho tomate
Lima	Banana	Abacate	Pitaya	Manjericão	Vinagre	Amaranto em flocos

Todos os agricultores residem nas proximidades da cidade de Santa Maria e o tempo que produzem de forma orgânica variou de 2 a 20 anos. A maior parte dos entrevistados recebe ajuda de outros integrantes da família na produção. Quando perguntados se consomem o que produzem, 100% relataram que sim.

Os resultados apresentados neste trabalho foram obtidos a partir da entrevista de seis feirantes da Feira Ana Primavesi (totalizando todos os feirantes presentes na feira, no dia da pesquisa) com idades entre 32 a 66 anos, de ambos os sexos, com diversos níveis de escolaridade (fundamental incompleto, médio completo e ensino superior completo). A partir

da análise das entrevistas surgiram três categorias: *Agricultura convencional X Agricultura orgânica, Interação social e fortalecimento político e Agricultura orgânica: dificuldades e benefícios*. Categorias estas que serão descritas e discutidas a seguir.

4.1 AGRICULTURA CONVENCIONAL X AGRICULTURA ORGÂNICA

Com o início da “Revolução Verde” (a partir da década de 50), ocorreram grandes mudanças nas formas de produção agrícola, foram implementadas novas tecnologias e uso de agentes químicos, que vieram a gerar um grande impacto sobre o meio ambiente e também à saúde humana. O aumento do uso dos agrotóxicos trouxe uma gama de prejuízos e mudanças ao meio ambiente, ocorrendo a contaminação de espécies não-alvo, que acabam morrendo neste processo, prejudicando assim o equilíbrio do ecossistema. Sabe-se que alguns pesticidas são tão agressivos ao solo que podem persistir no local por décadas (RIBAS; MATSUMURA, 2009). Neste contexto, as perguntas desta categoria buscaram investigar as questões relacionadas ao uso de agrotóxicos e seus impactos ao meio ambiente e a saúde.

Alguns dos entrevistados já trabalharam durante algum tempo com a agricultura convencional (utilizando agrotóxicos), de acordo com a pesquisa 50% já trabalharam com este tipo de produção e os outros 50% sempre plantaram de forma orgânica. Os motivos relatados para a mudança de técnica convencional para a orgânica são mostrados nas falas a seguir:

A3: Um envenenamento com produto químico (carrapaticida).

A4: Porque a pessoa vai ficando mais velha e mais lenta, ai começa a produzir em menor quantidade. Ai aproveitei que me chamaram para entrar num grupo de produtores orgânicos.

A5: Por achar que o orgânico é melhor em todos os aspectos. No financeiro, produção, independência e conhecimento.

Pode-se perceber nas falas que, para mudar de uma técnica para outra, são citados diversos motivos pelos agricultores, tais como: o risco de contaminação, algumas limitações devido à idade, aspecto financeiro e independência, deixando evidente que este tipo de produção proporciona um maior empoderamento e autonomia ao agricultor. Como um

exemplo deste empoderamento, através da sua experiência de pesquisa nesta área, Dos Santos *et al.* (2014, p.47) traz questões que vão para além da produção:

Percebe-se, assim, que há uma atuação desses agricultores que vai além do aspecto produtivo. O fato de estarem no espaço urbano comercializando seus produtos, fazendo contatos com outros agricultores, tem lhes conferido a oportunidade de empoderamento, sobretudo, possibilitado uma maior atuação política por parte dos mesmos. Alguns integrantes da Feira participam de encontros regionais, locais, e mesmo nacionais sobre agroecologia, se integram com agricultores de outras localidades o que favorece a troca de experiências.

Esta autonomia trazida pelos autores acima vem acompanhada de outras vantagens que também foram citadas pelos participantes da Feira Ana Primavesi, e que estão de acordo com Campanhola e Valarini (2001) que trazem como vantagens da agricultura orgânica a diversificação de produção, a geração de empregos, menos dependência de insumos, o não uso de agrotóxicos (o que também reduz os custos de produção). Além disso, os produtos orgânicos têm um maior valor comercial se comparado com o convencional.

Outra questão feita para os agricultores foi sobre o que seriam esses produtos químicos (agrotóxicos) utilizados na agricultura convencional, 66,6% responderam se tratar de um veneno e 33,3% disseram se tratar de outra coisa, justificando suas respostas da seguinte forma:

A3: é uma coisa boa, quando usada corretamente. Está faltando consciência de quem aplica. E o descarte está incorreto também.

A5: É um caminho para criar uma submissão do agricultor com o mercado. Dependência que a agricultura se submete cada vez mais.

Ficou evidente que a maioria dos entrevistados enxergam o agrotóxico como um veneno. É neste ponto que vê-se o trabalhador rural como aquele que entra em contato direto com estes venenos, sofrendo suas consequências direta ou indiretamente. Condizente com isso, Marafon, Seabra e Da Silva (2011) afirmam que o trabalhador rural e o meio ambiente são os principais prejudicados pelo o uso dos venenos, sofrendo com a contaminação do solo, das águas e dos alimentos. Enquanto que as empresas produtoras e os grandes agricultores estão quase que isentos dos seus efeitos. Segundo reportagem divulgada em maio de 2018, pelo site da Agência Fiocruz, a Organização Mundial de Saúde (OMS) calcula que por ano

ocorram 25 milhões de casos de envenenamento por agrotóxico, com 20 mil óbitos. No Brasil, no período 2007/2017, somaram mais de 107 mil os casos de intoxicação com mais de 3 mil mortes, conforme dados do Sistema de Informação de Agravos de Notificação (Sinan) do Ministério da Saúde. Além disso, os pesquisadores alertam que os efeitos nocivos dos agrotóxicos vão além da contaminação, causando vários tipos de cânceres, abortos e morte fetal, redução do número de espermatozoides, desregulação endócrina, má-formação congênita, alergias, alterações nos sistemas imunológicos, nervoso, gastrointestinal, circulatório, etc.

É neste ponto que entendemos a agricultura orgânica como uma alternativa que vem a contribuir com a preservação da natureza e no cuidado com a saúde humana, pois a Terra já foi considerada como uma reserva infinita de recursos. Hoje percebe-se que estes recursos são limitados, sendo necessário a utilização de métodos que levem em conta o bem-estar social e a sustentabilidade, pois, apesar de suas vantagens, a agricultura convencional acarreta prejuízos significativos à natureza (MAZZOLENI; NOGUEIRA, 2006). De todos os prejuízos causados pelo uso de agrotóxicos, o ser humano é um dos mais afetados nesse processo, pois a contaminação do solo e das águas, o impacto no meio ambiente, os resíduos presentes nos alimentos, refletem diretamente na qualidade de vida (RIBAS; MATSUMURA, 2009).

4.2 INTERAÇÃO SOCIAL E FORTALECIMENTO POLÍTICO

Dos Santos *et al.* (2014) considera importante desvincularmos a agricultura familiar da visão de atraso, ineficiência e de que sua prática seria apenas para consumo próprio. Na verdade, estes agricultores têm buscado maneiras de se inserir de maneira sustentável no mercado. É através destas ideias que surgem as feiras agroecológicas, como um espaço de comercialização de seus produtos. O referido autor ressalta ainda a importância dos agricultores orgânicos comercializarem seus produtos em espaços urbanos, indo além da relação comercialização-consumo. Pois estes momentos proporcionam trocas mútuas e estabelecem laços, permitindo com isso, que os agricultores transmitam suas experiências, trajetórias e ensinamentos, assim como escutem os consumidores e percebam o que pode ser melhorado. Além disso, estes espaços criam a possibilidade de empoderamento político para todas as partes envolvidas. É importante ressaltar que é através desta visão mais crítica, que as pessoas do meio rural encontram outra saída que não seja a migração para o meio urbano, entendendo a importância das práticas passadas de geração em geração e priorizando o respeito à natureza. Tais questões trazidas pelos autores estão de acordo com as respostas que

vem a seguir. Nesta categoria surgiram aspectos relacionados ao convívio social e ao fortalecimento político que os entrevistados adquirem em suas práticas como feirantes.

Com relação a maior vantagem de vender seus produtos na feira, fica evidente questões como a relação de troca de experiências e a venda direta para o consumidor. Como relatam os agricultores a seguir:

A1: Vender diretamente para o consumidor.

A2: Aqui consigo atingir um público que gosta de feira, tem a troca de experiência também, além da venda. O ambiente que se cria aqui na UFSM é importante, de estar em contato com os projetos. Também da feira ser certificada, é um lugar que valoriza o esforço de todos que participam da feira.

A3: O contato e a troca de experiência com as pessoas que se importam com o que tu planta.

A4: Conviver com pessoas diferentes. E também ajudar a adquirir o sustento da família.

A5: Relação mais próxima com o consumidor. E impacto financeiro, por não ter que passar pelo atravessador.

A6: Contato com os outros feirantes.

Seguindo nesta temática, o contato direto com o consumidor e a relação que se estabelece entre os feirantes é algo que os entrevistados levam como um fator muito positivo da feira, como pode-se ver nas seguintes falas:

A1: Acho ótimo, é um aprendizado. É um bom convívio e existe a cooperação.

A2: Adoro. Quem vem na feira valoriza, porque sabe que é certificada, gostam de conversar. E os feirantes daqui não são concorrentes.

A3: É a parte boa da feira, os consumidores chegam, conversam...

O orgânico vende na amizade, na relação de confiança.

A4: Gosto. Conheço muita gente aqui.

A5: Faz 5 feiras que estamos participando de forma presencial, mas já gosto muito do clima daqui.

A6: *Ótimo, todos se dão bem. Um ajuda o outro, diferente de qualquer lugar.*

Fica evidente nas respostas dos agricultores o quanto os mesmos valorizam os espaços da feira como um local de confiança. Onde o convívio com os outros agricultores e os consumidores é uma das prioridades dos mesmos. Além disso, são citados o aprendizado e a cooperação que ocorrem durante os encontros semanais, podendo assim, disponibilizarem seus produtos e conseqüentemente seus saberes aos consumidores. Neste mesmo viés Dos Santos *et al.* (2014) entendem que é por meio das práticas agroecológicas que é possível buscar a preservação dos recursos naturais, o manejo adequado do solo, a continuidade das famílias no meio rural, a valorização dos saberes locais e a autonomia dos pequenos produtores de venderem sua produção sem passar pelo atravessador². Sendo assim, Azevedo e Pelicioni (2011, p.720) caracterizam a agroecologia como “um movimento sociopolítico de fortalecimento do agricultor em busca de sua identidade e raízes culturais e, principalmente, de sua autonomia, poder de decisão e participação ativa no processo produtivo, favorecendo o local como foco de ação”.

Estas práticas visam o desenvolvimento rural, respeitando o meio ambiente e garantindo que os produtores permaneçam no campo, tendo seus saberes respeitados, de maneira que possam obter retorno financeiro através de suas práticas e assim sustentem suas famílias (DOS SANTOS *et al.*, 2014).

4.3 AGRICULTURA ORGÂNICA: DIFICULDADES E BENEFÍCIOS

Como forma de introduzir este tópico, acreditamos ser importante lembrar que no Brasil existe uma lei que caracteriza a agricultura orgânica. A lei 10.831 de 23 de dezembro de 2003, entende a agricultura orgânica como um processo produtivo que preserva as condições naturais do meio ambiente. Não contaminando o espaço utilizado por produtos sintéticos, utilizando-se de tecnologia que respeite as características locais, tanto naturais como culturais, tendo como finalidade a sustentabilidade ecológica e econômica.

Diante disso, Kurten e Ternoski (2016) afirmam que há uma necessidade de reavaliar a agricultura convencional e repensar uma nova forma de produção, pois é perceptível a atual degradação dos recursos naturais. O autor ressalta ainda que é preciso estar atento e proporcionar o suporte adequado para o produtor utilizar uma forma de produção mais limpa, garantindo a renda e a qualidade dos alimentos. De acordo com esta ideia, Ribas e Matsumura

² Conforme Souza (2011, p. 29) entende-se por “atravessador ou intermediário o ator social de maior mobilidade na relação de comercialização, pois, este é quem escoar a produção, comprando dos produtores”.

(2009) dizem que para um futuro com menores danos, é necessário o incentivo a uma agricultura mais sustentável, como é o caso da produção orgânica. É bastante relevante a educação do produtor rural em relação a este tipo de prática, entendendo que essa forma de produção mais limpa pode ter produtividade e concomitante a isso evitar prejuízos ao ambiente e a saúde das pessoas. Com relação a esta busca de alternativas para uma agricultura menos agressiva, Roel (2002) considera o sistema de agricultura ecológica viável economicamente, contemplando práticas de conhecimentos seculares de populações rurais e empregando tecnologias que atendam às necessidades sem agredir o meio ambiente. O referido autor considera ainda, que esta prática melhora a qualidade de vida tanto do produtor e de sua família, quanto a da população urbana, já que produz alimentos isentos de toxicidade e reduz degradação do meio ambiente. Além disso, a utilização de produtos naturais diminui os custos de produção e gera um número maior de empregos, colaborando na permanência da família no campo.

Esta categoria possibilitou abordar questões como: os benefícios da produção orgânica para a saúde das pessoas e para o meio ambiente, bem como as dificuldades inerentes a esta prática.

Muitas são as dificuldades encontradas no manejo da produção orgânica. De acordo com os agricultores faltam estudos que lhes orientem sobre o manejo correto, faltando também investimento por parte de órgãos governamentais, como mostram as falas a seguir:

A1: A maior dificuldade é lidar com as estações do ano, ou é frio demais ou calor demais. Os insumos também são difíceis, a certificação, e o incentivo do governo é inexistente.

A2: Perda de produção. Questões de aprendizado de manejo. Tem pouco apoio ao orgânico (do governo) e de projetos. Falta pesquisa na área que possa auxiliar os agricultores. Em função de não ter maquinário, falta mão de obra, não é fácil encontrar.

A3: Estudos sobre o manejo com insumos naturais. Eu vejo alguma coisa na internet, mas não é sempre que funciona, porque o clima, a terra, as condições não são as mesmas.

A4: De produzir, tem coisas que produz fácil, outras não. E não pode usar nada de adubo e tem poucas opções naturais.

A5: Falta de tecnologia para a produção orgânica. Temos aqui o investimento e esforço pessoal, mas falta mais estudos e dedicação para os orgânicos da parte das instituições. Por enquanto temos que ir adaptando as tecnologias.

A6: Mão de obra, falta gente para ajudar. Faltam estudos na área também.

Concomitante com estas respostas, Mazzoleni e Oliveira (2010) destacam alguns desafios enfrentados pela produção orgânica: os custos durante a mudança da produção convencional para a orgânica, os custos com a certificação, falta de assistência técnica do estado, dificuldades para conseguir crédito em bancos e investimentos tecnológicos e o baixo número de pesquisas científicas que contribuam para a agricultura orgânica.

Apesar das dificuldades encontradas na produção e a falta de investimento governamental, os agricultores têm vários motivos para continuar plantando de forma orgânica, aqui são mostrados alguns relatos sobre a motivação deles em continuar:

A1: É o tipo de atividade, é interessante e trabalho com o que gosto. Também porque é uma atividade saudável e que tem um bom retorno.

A2: O mercado dos orgânicos está crescendo. A família pode consumir o que produz. E também por ser um tipo de produção que não prejudica o meio ambiente, não deixa resíduo.

A3: Minha saúde.

A4: Porque é uma saída que vamos tendo para o futuro.

A5: Para mim é uma filosofia de vida. Produzir um alimento melhor, mais saboroso, com mais qualidade para o consumidor.

A6: Alimentar as pessoas com qualidade, cuidar do próximo.

Nas respostas acima os agricultores valorizam os benefícios da agricultura orgânica para a saúde, demonstrando também, tanto de maneira explícita como de maneira implícita que este tipo de prática vem acompanhado de um viés filosófico, ou seja, um estilo de vida. Moreira (2015) demonstra em sua pesquisa a preocupação que os agricultores orgânicos têm com a saúde. Ficando evidente a consciência dos mesmos na promoção de uma alimentação mais saudável, sendo esta uma das principais motivações para a utilização de tal técnica de

produção. Além disso, conforme o relato de um dos agricultores a prática acaba se tornando uma filosofia de vida, como afirma Kedouk (2013, p.203): “A agricultura orgânica é basicamente uma filosofia. Começou em 1940, quando o botânico inglês Albert Howard (1873-1947) sugeriu que as lavouras deveriam ser tratadas como florestas, como “organismos” capazes de se sustentar sem química”.

Os entrevistados também foram perguntados sobre os benefícios da agricultura orgânica para os consumidores, 66,6% responderam ser a qualidade do alimento e 33,3% disseram que é saber a procedência do alimento. E quando perguntados se os consumidores valorizam mais os produtos orgânicos, 50% responderam que sim e os outros 50% responderam que não. Dos que responderam que sim, relataram o seguinte:

A2: Os consumidores que vem a feira, já sabem sobre os produtos, não reclamam do tamanho, nem do preço.

A5: Os que frequentam a feira sim, sabem que o preço é consequência da qualidade.

E os que responderam não:

A1: Reclamam do preço, do aspecto e desconhecem os benefícios do produto.

A3: As pessoas que procuram os orgânicos ainda é pequena, acham o valor alto.

A6: Tem muita gente desinformada, mas quem conhece valoriza.

Apesar do crescimento do mercado da agricultura orgânica, as falas dos agricultores evidenciam que ainda há muito trabalho a ser feito, pois a falta de esclarecimento, ainda existente por parte da população, aparece como um entrave para um crescimento ainda maior do mercado de orgânicos. Paz e Viana (2018) afirmam que a mudança da cultura alimentar, que demonstra um aumento expressivo na busca por alimentos orgânicos, traz consigo a possibilidade de um mercado em crescimento. No entanto, não é apenas o ponto de vista econômico que importa neste tipo de produção. A produção orgânica traz benefícios à saúde tanto de quem produz como de quem consome tais alimentos, sendo uma prática sustentável que beneficia também o meio ambiente. Ou seja, com um maior esclarecimento da população sobre os benefícios da cultura orgânica, também pode contribuir para um fortalecimento deste tipo de mercado.

Neste sentido ressalta-se a importância da educação ambiental como promotora de autonomia e na geração de uma visão mais política sobre o alimento. No entendimento de Reigota (2017), a educação ambiental não deve se limitar apenas às questões biológicas de preservação ambiental, embora seja um tema bastante importante. Mas deve ir além e contribuir para a formação da autonomia do sujeito, que adquire uma visão mais crítica e questionadora dos acontecimentos. Sendo assim, o autor ressalta ainda que:

Quando afirmamos e definimos a educação ambiental como educação política, estamos afirmando que o que deve ser considerado prioritariamente na educação ambiental é a análise das relações políticas, econômicas, sociais e culturais entre a humanidade e a natureza e as relações entre seres humanos, visando a superação dos mecanismos de controle e de dominação que impedem a participação livre, consciente e democrática de todos. A educação ambiental como educação política está comprometida com a ampliação da cidadania, da liberdade, da autonomia e da intervenção direta dos cidadãos e das cidadãs na busca de soluções e alternativas que permitam a convivência digna e voltada para o bem comum (p. 9).

Pensando mais especificamente na parcela da população que já possui maior entendimento quanto ao alimento orgânico, vale ressaltar e valorizar o crescimento atual da conscientização na busca por este tipo de alimentação. Dos Santos *et al.* (2012) acreditam que atualmente cresce a quantidade de consumidores que buscam por produtos “limpos”, livres de agrotóxicos e que não sejam geneticamente modificados. Buscando, desta forma, dar prioridade a alimentos mais saudáveis. Tal pensamento está influenciando o crescimento da agricultura orgânica e a conscientização da sociedade quanto à importância do consumo de orgânicos. Importância esta que se deve à qualidade e à segurança alimentar de tais produtos, pois como descreve Roel (2002), estes alimentos apresentam maiores quantidades de nutrientes e baixa quantidade de substâncias tóxicas quando comparados com os da agricultura convencional, podendo ser uma opção mais saudável para os consumidores.

Atualmente é um desafio garantir alimentos seguros e saudáveis, gerando insumos necessários economicamente, de forma socialmente justa e sem agredir o meio ambiente e as próximas gerações (MAZZOLENI; NOGUEIRA, 2006). Neste contexto, a Educação Ambiental contribui para o esclarecimento e a conscientização das pessoas. Apesar de ser um movimento muitas vezes lento e que ocorre em longo prazo, é imprescindível que se torne cada vez mais presente nas práticas cotidianas da população (KURTEN; TERNOSKI, 2016).

Sobre o principal benefício da produção orgânica para o meio ambiente, os entrevistados relataram:

A1: Sustentação do meio ambiente.

A2: Respeitar o meio ambiente. A flora e a fauna do local ficam preservada, as águas também. É uma cadeia muito ampla que preserva, porque o agrotóxico mata toda a vida que tem no local.

A3: É o de não usar nada que possa afetar o meio ambiente. Os produtos são da própria natureza.

A4: Preserva os bichos da natureza, eles precisam um dos outros.

A5: Redução do impacto ambiental, todas as produções geram impacto no meio ambiente, mas a orgânica minimiza esse impacto.

A6: Proteção do meio ambiente.

A agricultura orgânica parte de uma produção que leva em conta a preservação de todos os recursos naturais presentes naquele local, contribuindo para o equilíbrio de todos os seres vivos que ali habitam. Nosso modelo de produção atual leva em conta a exploração dos recursos naturais para se obter maior lucro, porém esta forma de pensamento está destruindo a natureza e conseqüentemente a saúde das pessoas.

É partindo de tais reflexões que deve-se respeitar as subjetividades envolvidas no processo de produção orgânica. No entanto, o foco não deve recair somente sobre os agricultores, englobando todos os atores que se beneficiam através de tais práticas, produzindo, assim, ambientes engajados com a saúde das pessoas e do meio ambiente. Segundo Azevedo e Pelicioni (2011) é necessário considerar o meio rural como um espaço onde se pode trabalhar na prevenção e promoção da saúde, sendo este o lugar primordial para produzir alimentos saudáveis e resgatar práticas alimentares tradicionais e que estimulem a territorialização. Ainda mais se tratando de um país de base agrícola, como é o caso do Brasil, necessita-se repensar as práticas rurais como trabalho primordial e essencial, que influencia diretamente na vida da população, buscando traçar planos que fortaleçam a segurança alimentar, a promoção de saúde e a sustentabilidade.

5 CONCLUSÃO

Com base neste estudo foi possível notar que estes agricultores estão conscientes de seu papel político e social, ou seja, percebe-se o empoderamento dos mesmos diante de suas práticas. Isso fica evidente na valorização da feira como um espaço de convivência e de trocas, tanto entre os agricultores quanto com os consumidores. Além disso, tais agricultores trazem uma visão bastante crítica da agricultura convencional, entendendo os prejuízos que os agrotóxicos trazem para a saúde e o meio ambiente, reconhecendo com isso os benefícios da agricultura orgânica. Outro fator abordado pelos agricultores foi a falta de tecnologia e estudos de manejo para o desenvolvimento da agricultura orgânica, demonstrando com isso a falta de apoio do estado para o pequeno agricultor que trabalha com este tipo de prática.

Assim, através deste trabalho consideramos importante o planejamento de práticas conjuntas, que visem promover a saúde e a sustentabilidade na agricultura. Ponto este fundamental à medida que desenvolvimento rural e promoção de saúde, muitas vezes, aparecem como termos desvinculados, ignorando-se o quanto as práticas agrícolas repercutem na saúde da população e do meio ambiente. Devendo-se então, visar à abertura de espaços no meio rural para que profissionais engajados com a saúde possam atuar em conjunto com os demais, tendo como objetivo a melhora das condições de vida dos agricultores e da população de uma maneira geral.

Entende-se, assim, que o presente estudo aproxima o saber dos agricultores orgânicos com o saber científico, buscando um maior entendimento quanto a este modo de produção. Procurando ampliar o conhecimento através de diferentes vivências, na busca de benefícios, tanto para o produtor como para o consumidor, e conseqüentemente para o meio ambiente. Assim, compreendemos a importância do cuidado com a saúde das pessoas e do meio ambiente, sem visar apenas à lucratividade.

Por fim, destaca-se a importância da implementação de políticas públicas engajadas tanto na produção como no consumo de orgânicos, dando apoio às feiras orgânicas e garantindo alimentos seguros e saudáveis. Neste contexto, entendemos que a educação ambiental desempenha um papel fundamental na sensibilização da sociedade, atuando também de maneira política, para que este tipo de produção conquiste maior visibilidade e respeito por parte do estado.

REFERÊNCIAS:

- ALMEIDA, Uelha Xavier de. **Agricultura Orgânica como Estratégia para o Desenvolvimento da Agricultura Familiar**. 2017. 57p. Trabalho de Conclusão de Curso (Curso Superior em Produção de Grãos), Universidade Estadual de Goiás, Posse-GO, 2017.
- ARAUJO, Ana Carolina. et al. Feira de Produtos Orgânicos: apoio ao desenvolvimento de agriculturas de base ecológica. In: VI CLAA, X CBA e V SEMDF, 2017, Brasília. **Anais. Cadernos de Agroecologia**, 2018.
- AZEVEDO, Elaine de; PELICIONI, Maria Cecília Focesi. Promoção da Saúde, Sustentabilidade e Agroecologia: uma discussão intersetorial. **Saúde Soc.**, São Paulo, v.20, n.3, p.715-729, 2011.
- BRASIL. Lei n. 10.831 de 23 de dezembro de 2003. Dispõe sobre a agricultura orgânica e dá outras providências. **Diário Oficial da União**. Brasília, DF, 24 de dezembro de. 2003. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.831.htm> Acesso em: 16 jul. de 2019.
- CAMPANHOLA, C.; VALARINI, P. J. A agricultura orgânica e seu potencial para o pequeno agricultor. **Cadernos de Ciência e Tecnologia**. Brasília, v. 18, n. 3, p. 69-101, 2001.
- COSTA, Ana Alexandra Vilela Marta Rio. Agricultura Sustentável I: Conceitos. **Revista de Ciências Agrárias**, Lisboa-Portugal, 2010.
- DOS SANTOS, Christiane Fernandes. et al. A Agroecologia como Perspectiva de Sustentabilidade na Agricultura Familiar. **Ambiente & Sociedade**, São Paulo, v. XVII, n. 2, p. 33-52, abr.-jun. 2014.
- DOS SANTOS, José Ozildo. et al. A Evolução da Agricultura Orgânica. **RBGA**, Pombal-PB, v.6, n.1, p. 35-41, jan./dez. 2012.
- FIOCRUZ. PL do Veneno desconsidera impactos na saúde e meio ambiente. Disponível em: <https://agencia.fiocruz.br/pl-do-veneno-desconsidera-impactos-na-saude-e-meio-ambiente> Acesso em 5 ago. 2019.
- GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia: processos ecológicos em agricultura sustentável**. Porto Alegre: Ed. Universidade UFRGS, 2000.
- KEDOUK, Marcia. **Prato sujo: como a indústria manipula os alimentos para viciar você**. São Paulo: Abril 2013.
- KURTEN, Leandro Baggio; TERNOSKI, Simão. **Agricultura Familiar e Sustentabilidade**. 2016. 15p. Especialização em Cooperativismo Solidário e Crédito Rural, Universidade Estadual do Centro – Oeste, 2016.
- MARAFON, G. J.; SEABRA, R. S.; DA SILVA, E. S. O. **O desencanto da terra: produção de alimentos, ambiente e sociedade**. Rio de Janeiro: Garamond, 2011.

MARTINS, Renata Knychala. et al. O Sistema Mandala de Produção de Alimentos: Uma estratégia para o desenvolvimento da agricultura familiar. In: XXI Encontro Nacional de Geografia Agrária, 2012, Uberlândia-MG. **Anais**. Uberlândia:UFU, 2012.

MAZZOLENI, Eduardo Mello; NOGUEIRA, Jorge Madeira. Agricultura orgânica: características básicas do seu produtor. **RER**, Rio de Janeiro, v. 44, n. 2, p. 263-293, abr./jun. 2006.

MAZZOLENI, E. M.; OLIVEIRA, L. G. Inovação tecnológica na agricultura orgânica: estudo de caso da certificação do processamento pós-colheita. **Revista de Economia e Sociologia Rural**. Piracicaba, SP, v. 48, n. 3, p. 567-586, 2010.

MORAIS, Flávia. **Bem Natural**: Tudo que a natureza pode fazer pela sua saúde. São Paulo: Editora Mundo Verde, 2014.

MOREIRA, J. G. **A produção orgânica nos assentamentos em Sant'Ana do Livramento**: Uma análise sobre limites e possibilidades. 2015. (Trabalho de conclusão de curso de Graduação em Administração), Faculdade de Administração, Universidade Federal do Pampa, Sant'Ana do Livramento, 2015.

PAULUS, G.; SCHLINDWEIN, S.L. Agricultura sustentável ou (re) construção do significado de agricultura? **Agroecologia e Desenvolvimento Rural Sustentável**. Porto Alegre, v. 2, n. 3, p. 44-52. jul./set. 2001.

PAZ, Adrielly Pereira Chaves; VIANA, João Garibaldi Almeida. **Agricultura Familiar e a Produção Orgânica**: uma análise das feiras da agricultura familiar para a produção de orgânicos em Sant'Ana do Livramento- RS. 2018. (Trabalho de conclusão de curso de Graduação em Administração), Faculdade de Administração, Universidade Federal do Pampa, Sant'Ana do Livramento, 2018.

REIGOTA, Marcos. **O que é Educação Ambiental**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2017.

RIBAS, Priscila Pauly; MATSUMURA, Aida Terezinha Santos. A química dos agrotóxicos: impacto sobre a saúde e meio ambiente. **Revista Liberato**. Novo Hamburgo, v. 10, n. 14, p. 149-158, jul./dez. 2009.

ROEL, Antonia Rilda. A agricultura orgânica ou ecológica e a sustentabilidade da agricultura. **Revista Internacional de Desenvolvimento Local**. v. 3, n. 4, p. 57-62, mar. 2002.

ROSA, Nadir. et al. Fatores influentes no processo decisório de agricultores de produtos orgânicos. **Revista Desenvolvimento Socioeconômico em Debate – RDS**, Criciúma, v.4, n.1, 2018.

SANTOS, Suenya. Brasília. Agroecologia e produção orgânica: uma alternativa ao desenvolvimento rural do capital? **Cadernos de Agroecologia**, Brasília, v. 13, n.1, 2018.

SMITH, B. L. Organic foods vs. supermarket foods: element levels. **Journal of Applied Nutrition**, v. 45, n. 1, p. 35-39, 1993.

SOUZA, Jamerson Raniere Monteiro de. **A Agricultura Familiar e a Problemática com o Atravessador no Município de Lagoa Seca- PB**: Sítios Oití, Santo Antônio, Alvinho e Floriano. 2011. 54p. Monografia (Curso de graduação em Licenciatura Plena em Geografia), Universidade Estadual da Paraíba, 2011.

SOUZA, Maria José Duarte de; CAJÚ, Maria Andreza Duarte; OLIVEIRA, Cícera Patrícia Alves. A importância da produção agrícola orgânica na agricultura familiar. **Id on Line Revista Multidisciplinar e de Psicologia**, Pernambuco, v.10, n.31, p.101-119, out./nov.2016.

ZIMMER, Ederich; ALBANI, Ionara; MOTA, Junior. A Educação Ambiental no contexto da agricultura familiar. **RELACult** – Revista Latino-Americana de Estudos em Cultura e Sociedade, v. 4, 2018.

WESTPHAL, M. F.; ZIGLIO, E. **Políticas públicas e investimentos**: a intersetorialidade. In: _____. O município no século XXI: cenários e perspectivas. São Paulo: CEPAM, p. 111-122, 1999.

YIN, Robert. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. Trad. Daniel Grassi - 2.ed. -Porto Alegre: Bookman, 2001.

Para você, o que é agrotóxico?

- Protege as plantas remédio controlador de pragas e doenças
 veneno outro. Qual: _____

Qual a maior vantagem de vender seus produtos na feira?

O que acha do convívio social com os outros feirantes e com os consumidores?

O que te motiva continuar plantando de forma orgânica?

Para você, quais as dificuldades encontradas neste tipo de produção (orgânica)?

Você acha que os consumidores valorizam mais os produtos orgânicos?

- Sim Não Não sei

Quais os benefícios da agricultura orgânica para os consumidores?

- saber a procedência do alimento alimentos mais saborosos
 qualidade do alimento

E qual o principal benefício para o meio ambiente?
